

António Cândido Franco

O Estranhíssimo Colosso

Uma Biografia de Agostinho da Silva

*Aos que me deram a conhecer Agostinho da Silva.
Aos que me ajudaram a conhecê-lo melhor.*

«Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso
Que um dos sete milagres foi do mundo.»

— CAMÕES, *Os Lusíadas*, Canto V, 40

Nota Prefacial

Leitor entusiasta das biografias de Agostinho da Silva, onde o molde moral, de cunho edificante, plutarquiano, se impõe, o que não equivale a anular a vivacidade da eloquência ou a pintura cenográfica, sempre avaliei — primeiro com vago e hesitante pressentimento, depois, à medida que fui bebendo a variedade e a invulgar riqueza dos passos deste homem, com precisa nitidez — uma *vida de Agostinho da Silva*, seguindo de perto o género tal qual ele o praticou em tantos e tantos trabalhos, nas décadas de 30 e 40 do século xx.

Ainda assim, independentemente da inquestionável nobreza moral e da ética grandiosa, capaz de firmar um exemplo heróico, o caso de Agostinho é diferente do de Moisés, do de Miguel Ângelo, do de Francisco de Assis, do de Pestalozzi, do de Lamennais, do de Pasteur, do de Zola, do de Leonardo da Vinci, do de Alexandre Herkulano e de tantos outros que ele biografou. Sobre qualquer deles, à época em que o escritor português por eles se interessou, existia à disposição do estudioso um vasto repositório de dados, fruto de aturada investigação anterior, a bem dizer definitiva de tão exaustiva, que assegurava um sólido conhecimento dos itinerários, permitindo assim, sem fugas nem invenções, a elaboração duma narrativa ininterrupta, centrada em exclusivo na construção eloquente do exemplo ético, narrativa livre de pesquisas e de acumulações enfadonhas de factos e de pormenores.

Não é essa neste momento a situação de Agostinho da Silva. O seu percurso — recente, disperso no espaço, muito longo no tempo e animadíssimo de eventos — tem inúmeras zonas de sombra, ou até de escuridão, verdadeiros vazios, buracos sem fundo, alguns de adiantado diâmetro, que não permitem em consciência a montagem

duma narrativa desenvolva, solta de preocupações inquiridoras e tendo apenas por alvo a construção didáctica dum personagem exemplar, que a tal aspira o modelo biográfico praticado por Agostinho. É que ao contrário do que sucedeu com Agostinho, que pôde trabalhar sobre documentos já elaborados, em geral fidedignos, os documentos sobre o autor luso-brasileiro não existem, ou quando existem não são conhecidos ou não estão trabalhados num contínuo biográfico justificado.

Na verdade, para bem dizer, não há uma única biografia sobre Agostinho da Silva, pois os escritos de natureza biográfica que sobre ele se conhecem, de Artur Manso, de Helena Maria Briosa e Mota e de Romana Valente Pinho, não se podem ter por biografias, nem a tal aspiram, sendo antes subsídios biográficos parcelares, mas subsídios de valor, até pela escassez deles. Numa palavra, é impraticável na actual situação escrever uma vida de Agostinho da Silva sem a indagação prévia dos seus passos, sem a diluição miúda das suas acções, sem a pesquisa aturada dos acontecimentos que lhe dizem respeito, consultando documentos, registando testemunhos, amontoando factos.

Por isso este livro não pôde ser aquilo que à partida almejaria ser, um contínuo narrativo, solto de preocupações indagativas, cujo único propósito fosse aquele que o grego Plutarco mostrou ao escrever a vida dos seus varões ilustres. Ao invés, foi o autor dele obrigado a um trabalho de pesquisa, num terreno quase virgem, minado de dúvidas e de sombras, o da vida de Agostinho, e cujo resultado está longe de se poder ter por obra definitiva. A longevidade do biografado, que atravessou de ponta a ponta o século xx, numa largueza de 88 anos, a variedade dos espaços que percorreu ou em que viveu, tocando todos os continentes e derramando-se por incontáveis lugares, a cada vez mais sentida ausência dos que conviveram de forma próxima com ele no período mais activo da vida, tornando escassos os depoimentos de valor, chegam para justificar o carácter muito provisório do trabalho que ora dou a público.

Ainda assim, atendendo à magreza do que se conhece sobre a sua vida, com elementos contraditórios em pontos cruciais e obscuros em tantos outros, pareceu-me aceitável apresentar o produto da pesquisa, que se centrou numa primeira fase, bem mais demorada do que inicialmente planeei, o que abona a favor da quantidade e do interesse dos materiais encontrados, na selecção de extractos de Agostinho

sobre si, hoje as mais fidedignas fontes de que dispomos, ainda que por vezes se desdigam, o que se entende, já que muitos desses excursos autobiográficos foram comunicados oralmente ou por escrito em idade avançada, a muitos anos de distância dos acontecimentos, e depois, numa segunda etapa, também inesperadamente morosa, nos testemunhos escritos que sobre ele deixaram familiares, colaboradores e amigos.

A quantidade e o valor dos materiais seleccionados, radicando na vasta bibliografia activa e passiva, que se avolumou muito na última década, sobretudo no Brasil, compensaram as restrições do método, a míngua de documentos civis, muitos deles inacessíveis, e ainda a dificuldade na obtenção de depoimentos inéditos, pelo menos de valia, capazes de revelarem factos novos ou de esclarecerem outros já conhecidos mas que apresentam aspectos obscuros. No quadro duma vida desconhecida, como a de Agostinho, ou apenas acessível nas suas linhas gerais, foi assim possível, recorrendo em boa medida a informações do próprio e dos próximos, construir um compósito em movimento, cobrindo, numa linha contínua, as várias idades e os vários lugares por onde Agostinho passou ou se radicou e tendo como ponto de partida o seu nascimento e ponto de fecho a sua morte.

Não obstante, sei que o trabalho que ora se apresenta peca por inacabado — sempre uma indagação com estas características por natureza o estará — e o único voto que me ocorre no momento em que me decido pela sua publicação é que ele possa gerar novas informações, que, completando as minhas ou até desdizendo-as, levem a um melhor e mais pormenorizado conhecimento de Agostinho e se possível a novos trabalhos biográficos sobre ele. Não descarto, após novas e mais largas pesquisas, sobretudo no Brasil, onde correu um quarto de século de vida do meu biografado, apresentar uma nova edição revista deste livro, até porque muitos se apressarão depois da sua publicação, no que serão bem recebidos, a desmentir ou a corrigir passos nele desenvolvidos.

Este livro que aqui deixo é pois uma tentativa de dispor discursivamente, num conjunto narrativo sem interrupções, com continuidade entre si, capaz de satisfazer um mínimo de narração reconstrutiva, os materiais de natureza puramente documental que em torno da vida de Agostinho da Silva fui recolhendo ao longo duma década;

o que aqui se ensaia é a tentativa de firmar em bases sólidas mas ainda provisórias — e daí o título com que apresento o miolo do livro, meros subsídios, simples materiais — o conhecimento dum biógrafo cuja vida continua a ser, apesar da sua pertinência na vida cultural portuguesa do século xx, avaliada apenas em lineamentos muito gerais. Mais tarde, com renovada informação, se esclarecerão pontos duvidosos, alguns deles apontados no corpo do trabalho, e se rectificarão outros em que inadvertidamente errei, firmando de vez um perfil historicamente fidedigno.

I

Antecedentes e Primeiros Tempos

I. OS ANTEPASSADOS E OS PAIS

OS ANTEPASSADOS DE AGOSTINHO DA SILVA SÃO ANÓNIMOS, de quem nada à partida, de outiva ou por escrito, se conhece; não fosse a existência do seu proveniente, que muito se individualizou nas letras, e nunca a curiosidade recairia sobre a obscura fila destes antecedentes, idênticos a tantos de que nada sabemos, nem mesmo que foram, o que parecendo um absurdo é afinal a mais bela e descansada condição de ser.

Na obra escrita de Agostinho há boas e copiosas informações relativas aos seus antepassados, que permitem traçar com à-vontade uma genealogia de histórias e pontos e reconstruir sem custo o enquadramento social da família em que o meu biografado viu a luz. No discurso de agradecimento pela atribuição e entrega da Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, em 1987, dado à luz numa folha solta do mesmo ano com o título «Conversa Um de 87», e logo recolhido no livro *Dispersos* (1988), Agostinho da Silva pôs um segmento confessional sobre os seus antecedentes familiares, curto mas eficiente, que nos deixa tirar sem nevoeiro de espécie alguma o meio de que ele descendia, afinal o mais trivial, ínfimo e anónimo, aquele que é cabouco invisível do volume social em evidência, a base sofrida de qualquer pico. Diz assim (1988: 789-90): «[...] toda a gente humilde de camponeses e marinheiros, de pastores e soldados, profissionais de que afectuosa e gratamente descendo [...]». Também no *Caderno de Lembranças*, da autoria de Agostinho da Silva, escrito em 1986, aos 80 anos, e que constitui no respeitante aos antepassados,

como no relativo à infância, adolescência e primeira juventude, a melhor fonte de informação, ficou, no meio de considerações várias, registo fugaz que reitera na generalidade a linha genealógica acima apresentada. Diz Agostinho (2006: 23): «[...] um bisavô, meio árabe, pastor do Alentejo, um avô marinho da Fuzeta, se não árabe, mouro». O retrato dos ascendentes confirma-se ainda em entrevista dada no final de 1986, recolhida depois no livro *O Império Acabou. E agora?* (2001: 15): «A minha gente é toda do Sul. [...] Se eu fosse ao Algarve [...] encontrava-me também chamado por aquele mar, por aquela costa admirável, porque minha gente também foi de lá. Se vou para o Alentejo, donde é outra minha gente, que foi pastora por lá, pois eu naturalmente também me sinto do Alentejo.»

Veio ele pois a este mundo, modesto, obscuro, provincial, sem o mais ínfimo título pergamináceo, de sangue ou de finança, mas de modo nenhum inculto ou miserável, sobretudo se atendermos à casa dos pais, decerto para os magros padrões da época confortável e semi-ilustrada. Camponeses, pastores, marinheiros e soldados, eis o barro obscuro e plebeico, do trastagano Sul e até de extrema fronteira, essa Fuzeta final, de que descendia o molde carnal de Agostinho da Silva. Numa entrevista em Outubro de 1993, meses antes da morte, Agostinho deixou testemunho sobre um avô, que parece não ter conhecido, mas do qual deve ter ouvido no meio familiar, pitorro ainda, obras e casos, e que seria porventura o avô paterno, filho daquele bisavô meio árabe, pastor do montado e dos plainos de além Tejo, que parece ter sido quem deixou ao pósteros aqui recordado o silvoso apelido pelo qual ficou conhecido. Eis o testemunho (*A Última Conversa*, 2001: 32): «Pois [o avô] era militar e estava colocado no Alentejo, mas devia descender dalgum riquíssimo maometano, porque era um homem muito truculento e um pouco agressivo. [...] a verdade é que teve de sair daqui e foi experimentar o Brasil, onde também não se deu bem, e acabou por voltar.»

Uma figura precisa, a única dos avós, cujo retrato chega do passado em corpo inteiro, com cheiro e cor, contornos nítidos e rosto vivo, a ponto de tornar a retratada uma figura totémica, máscara que torna visível uma personalidade e até um clã familiar, é a avó materna do escritor, nada e criada em Olhão, que acompanhou a infância e primeira mocidade do meu biografado. Foi essa humilde Maria da Cruz, ainda sem *Baptista* do marido, a escolhida, na juventude, para nubente daquele doido e obscuro *fuzetano*, marítimo de

barco e almorávida, escuro de olho e de pele, que atrás se apontou, a partir de extracto de Agostinho, e sobre o qual nada mais se sabe, a não ser que também ele, caso o soldado trastagano seja de feito o avô paterno, se decidiu a zarpar para o Brasil, quando já tinha a cargo a esposa escolhida em vilar próximo e a filha que de ambos nascera, Georgina do Carmo Baptista, que mais tarde juntará ao nome o Silva do senhor seu esposo.

Em *Caderno de Lembranças*, já apontada como a melhor fonte de notícia sobre questões de ascendência, o escritor deixou dessa avó algarvia uma gravura impressiva, de traços exactos e fortes (2006: 28): «[...] quem a governava [a casa], e o fez tranquilamente, podendo sem apetência nem gosto do poder, foi minha avó, a de Olhão, de que lembro, em gestos, o fazer de peúgas a quatro agulhas, e com que habilidade no calcanhar difícil, e, depois, o recolhimento, sossego e absorção com que lia o folhetim do *Diário de Notícias*. Creio que eram suas três orações quotidianas: compras, peúgas e folhetim. Ao domingo, tudo suspenso: o importante era arear o fogão. Melhor dito: tê-lo areado. Nunca me falou de seu marido: acho que só uma vez mencionou, não a ele, mas à pele de carneiro que guarnecia a proa do barco, em que viajava ou para Marrocos (donde era ele, afinal?) ou para Lisboa. [...] Seu vestuário era uma blusa preta de pintinha branca e uma saia preta e, preto, um lenço de cabeça. Para sair se revestia e, ao voltar, se devestia, solenemente, de uma capa, é evidente que preta, com aquela romeira algarvia que, não muito atrás, fazia bioco e permitia, no Algarve, que se fosse pela rua sem ser conhecido, mas vendo tudo o que haveria a registar. [...] Jamais me falou também de sua estada, nunca soube por que motivo, em Vitória do Espírito Santo, no Brasil, com o marido e a filha. Chama-mento de empresa? Surto de emigração? Retorno de nomadismo de um antigo deserto? Também o não soube de minha mãe e apenas recordo sua afectuosa impressão da amizade de uns emigrantes italianos e o terror de uma caranguejeira que subitamente aparecera sobre o piano, pois havia piano, e a admiração pelo Rio, já de bondes, enquanto em Lisboa, só trotavam, com tecnologia atrasada, as mulas do Chora. [...]. Creio que se lhe perguntassem como devia ser Portugal, responderia, e estava certa, à maneira de Olhão, talvez com uns toques de Brasil e de Largo de Santo Antoninho, onde vivera em Lisboa.

O diria decidida, calma, confiante. Chamava-se Maria da Cruz. Da Cruz Baptista: do amado dever que ao pecado redime. Que baptiza na vida.»

Que me desculpe o leitor citação tão larga, mas nela se pinta um quadro que nunca doutro modo se poderia mostrar. O retrato foi traçado aos 80 anos, em 1986, ano da escrita do referido *Caderno* autobiográfico, muitas décadas depois dos eventos e do convívio, e a vivacidade com que se apresenta, nítido no pormenor da pintinha da blusa e do desajoujar da capa olhanense, sonoro até no tiquetique das agulhas metálicas e no silêncio a guardar quanto a passado e seus segredos, mostra a importância e a proximidade que esta avó de Olhão — de resto vulgaríssima e serviçal, sabendo porém ler os folhetins do *Diário de Notícias*, o que já não seria assim tão comum entre a classe de rurais e marítimos assoldados — terá tido junto do jovem Agostinho, que décadas após, quando escreve as lembranças em caderno, toma o seu nome de mulher casada, Maria da Cruz Baptista, como legenda dum alto carácter moral, crismando com o que ele, nome, tem de plebeu e de místico alguns dos valores que mais caros lhe haviam sido e continuaram a ser ao longo da profícua vida. Sobre o modo e a lide que os avós maternos de Agostinho tiveram no Brasil, estado do Espírito Santo, ou o tempo que por lá ficaram, ou as viagens que por lá fizeram, ou o dinheirame que por lá tiraram, nada se sabe, a não ser o pouco — para mim e para o leitor, não para quem o disse — que no passo acima se topa, o contubérnio que os da família Baptista tiveram com clãs de italianos e o deslumbrante efeito que a carioca cabeça do país, esse Rio de Janeiro de carro precoce, operou sobre a menina Georgina, que ao que se entende depois disso sempre com assombro votou à cidade um culto sem mancha, o que tão decisivo viria a ser em transe crucial da vida de Agostinho, como mais tarde o meu leitor verá.

Vivendo em Vitória, capital do estado do Espírito Santo, num ecossistema marinho dalguma afinidade com o do Sotavento algarvio, entre Tavira e Faro, é quase certo que o Baptista fuzetano terá continuado a meter proa de barco na esmeralda do Atlântico e a cambiar velas ao vento. Deste ou doutro modo, com barco ou sem ele, pescando ou mercando, pelo ponto do piano, a família — e a caranguejeira, grosso aracnídeo do Brasil, não deixa dúvida sobre o lugar onde houve piano — não parece ter piorado no outro lado do mar a situação do seu viver; ao invés, das mexidas e vagabundas

areias da Ria Formosa à ilha mercante e laboriosa do porto de Vitória houve grimpa, e grimpa alta, com a menina do casal a ser educada em esmero, com piano de sala e quem sabe se com o seu magro francês ensinado por madama viajada por Nice ou São Remo, o que um dia se poderá tirar a limpo.

Os pais de Agostinho da Silva, Francisco José Agostinho da Silva e Georgina do Carmo Baptista da Silva, mais próximos do presente, fazem ainda a vez de dois desconhecidos, integrando essa indistinta fileira de gente que, não obstante a bravura e as realizações, por vezes nada efémeras, passa pela vida sem que os que canonizam no livro da glória neles vejam sinal de interesse, de todo desaparecendo com o primeiro correr das gerações. Não fosse ainda aqui a visível e marcante existência de Agostinho, que deles deixou nota grada, e, próximos ou não, bravos ou moles, proficientes ou parados, esses dois já teriam entrado na tranquila noite do não ser. Assim, com o filho por perto, por cá continuam a meu lado, longe ainda da paz perfeita.

Sobre Francisco José Agostinho da Silva — educação, personalidade, percalços, interesses, situação, afazeres — deixou Agostinho informação, se não quantiosa ao menos aceitável, para dele se tirar, na parte mais linear, que é a das formas exteriores, um retrato próximo, durável, merecedor de crédito. Da família Silva com pouca certeza se sabe daquele bisavô silvestre que no montado trastagano petiscou taliscas de pão, enquanto o borreguinho cevava a primeira bolota esguia da azinheira, e daquele avô, mais selvoso que silvoso, militar colocado no Alentejo, truculento e assomadiço, que foi torna-viagem do Brasil e pode ter acabado a espiolhar as tortas vielas de Lisboa. Certo, ou quase, é a infância de Francisco José, nascido a 6 de Setembro de 1879, e a informação é de Agostinho da Silva em texto inédito de que dou notícia adiante, no ponto sete deste capítulo, ter corrido por uma Lisboa oitocentista, já fontista, ou por lá passou o bastante para deixar marcas e recordos, com senhoras de mantilha e véu, senhoras de coco e cigarrilha, aguadeiros e americanos puxados a mulas, o comboio do Carregado a apitar na Estação Central e os burrinhos ajaezados em fila, a caminho de Algés ou de Caneças, os cafés do Chiado pesados de gente a fumar e palitar, a ensonada gare do Rossio em vaga e permanente sombra.

Índice

<i>Nota Prefacial</i>	11
UMA BIOGRAFIA DE AGOSTINHO DA SILVA	15
I. ANTECEDENTES E PRIMEIROS TEMPOS	17
1 Os antepassados e os pais	17
2 Nascimento no Porto e ida para a Barca de Alva	25
3 As duas irmãs. Ler, escrever, falar	29
4 Os amigos e o regresso ao Porto	37
5 A escola industrial e os primeiros anos de liceu	47
6 Os anos finais do liceu	67
7 O primeiro emprego e os primeiros textos	73
8 A Faculdade de Letras do Porto	87
9 Os amigos da Universidade. Sexualidade e amores	101
10 Os textos da época universitária	110
11 Professor provisório de liceu e doutoramento	121
12 Ida para Lisboa e concurso nas Belas-Artes	128
13 A Escola Normal Superior de Lisboa e o casamento	138
II. ACTIVISMO CÍVICO E CULTURAL	145
1 Estagiário e bolseiro da Junta de Educação Nacional	145
2 Ida para Paris e encontro com António Sérgio	155
3 Montaigne e os textos de Paris	163
4 A polémica com Alfredo Pimenta	174
5 Regresso a Portugal e ida para Aveiro	180
6 Concurso para Moçambique e demissão do ensino público	191
7 Bolseiro em Madrid, regresso e textos da época	201

8 O Colégio Infante de Sagres	211
9 Casamento e filhos	226
10 Os textos do período	231
11 Ruptura com a revista <i>Seara Nova</i>	241
12 O Núcleo Pedagógico Antero de Quental	253
13 Os Cadernos de «Iniciação» e os de «Antologia»	266
14 Mário Soares e o caso de Álvaro Cunhal	275
15 Ruben Andresen Leitão e Lagoa Henriques	285
16 O caderno <i>Cristianismo</i> e o folheto <i>Doutrina Cristã</i>	295
17 Palestras pelo País e Victor de Sá	306
18 A conferência de Estarreja e o cárcere do Aljube	312
19 A residência fixa: Minho e Algarve	325
20 A decisão de partir para o Brasil	331
21 Outros textos da época	336
III. A DESBUNDA NO BRASIL	345
1 A viagem, as escalas, o Rio de Janeiro e São Paulo	345
2 Judith Cortesão e a saída do Brasil	361
3 A Argentina e o Uruguai	367
4 O regresso ao Brasil e a comunidade de Itatiaia	381
5 O Instituto Oswaldo Cruz, Niterói e o Itamarati	395
6 João Pessoa e a Universidade da Paraíba	403
7 O IV Centenário da Cidade de São Paulo	416
8 A Universidade de Santa Catarina e o governo estadual ...	423
9 A saída de Santa Catarina e Eduardo Lourenço	439
10 Os textos da época	444
11 O Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros na Baía	462
12 O Centro de Estudos Afro-Orientais	472
13 A Escola de Teatro e a separação de Judith	485
14 O CEAO e a política de Jânio Quadros	494
15 O regresso a Santa Catarina e a ida para Brasília	504
16 O Centro Brasileiro de Estudos Portugueses	521
17 A Trapa e os trapistas	531
18 Vida afectiva, ida ao Japão e o golpe militar de 1964	542
19 António Telmo e outros em Brasília	552
20 A criação escrita do período Baía-Brasília	566
21 A comissão parlamentar e a estada em Nova Iorque	585
22 A decisão de regressar a Portugal	593

IV. REGRESSO A PORTUGAL E ÚLTIMOS ANOS	605
1 A viagem de regresso e os primeiros tempos	605
2 Maria Violante Vieira, Sesimbra e os amigos	615
3 A Revolução dos Cravos e o Alentejo	628
4 Últimas missões e entrevistas dos 80 anos	644
5 A Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada	657
6 As «Conversas Vadias» e os novos amigos	664
7 A criação escrita deste período	679
8 O fim e o princípio	700
V. CONCLUSÃO	715
<i>Cronologia</i>	719
<i>Fontes Bibliográficas</i>	725